

O Interjogo da Conjugalidade à Parentalidade¹

The interchange from Conjugalitity to Parenthood

Janice Helena Faleiro Gamarro²
Rosangela Maria Wenndorf Corrêa³
Renata Guenter⁴

Resumo: São objetos desse estudo as mudanças ocorridas no relacionamento conjugal após a chegada do primogênito. Trata-se de uma pesquisa qualitativa-descritiva-exploratória. A amostra foi composta por quatro casais, com idades entre 30-45 anos, pertencentes ao estrato sócio-econômico médio, residentes na Grande Porto Alegre. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário sócio-demográfico e um roteiro de entrevista semi-estruturada, cujas respostas foram gravadas e transcritas. Os dados foram agrupados em sete categorias e submetidos à análise de conteúdo de Bardin (1977). Os resultados indicam que a transição para a parentalidade acarretou mudanças profundas na conjugalidade desses casais. Para enfrentarem o período, eles mobilizaram diversas estratégias. Constatou-se que quanto melhor estruturados os casais se apresentavam, antes da chegada do primeiro filho, maior era o índice de assertividade das estratégias mobilizadas, elevando assim o nível da satisfação conjugal.

Abstract: Changes occurred in the conjugal relation after the arrival of the first-born are the object of this study. It is a qualitative-descriptive-exploratory research. The sample was formed by four couples, aged between 30-45 years old, belonging to the medium socioeconomic class, residents in Grande Porto Alegre. For data collection was used a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview plan, whose answers were recorded and transcribed. The data were grouped into seven categories and submitted to Bardin's content analysis (1977). The results indicate that the transition to parenthood has brought about deep changes in the conjugality of these couples. In order to face this period, they took up several strategies. It was verified that the better structured the couples were, before the arrival of the first child, the higher was the level of assertiveness of the strategies adopted, thus increasing the level of conjugal satisfaction.

Palavras-chave: interjogo; conjugalidade; parentabilidade; relação conjugal.

Keywords: interchange; conjugality; parenthood; conjugal relation.

¹ Artigo apresentando à conclusão do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (Universidade Luterana do Brasil - ULBRA), Canoas, RS, 2008/1.

² Formanda de Psicologia (Ulbra).

³ Formanda de Psicologia (Ulbra). E-mail: rosangelaw.@terra.com.br

⁴ Psicoterapeuta Casal e Família. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de Coimbra (Portugal). Docente da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: rguenter@terra.com.br.

O interesse em estudar sobre a formação de uma nova família decorreu de ser esta uma fase de intensa e profunda transição na vida dos casais, que apesar das constantes transformações sofridas no último século, a família ainda é o sustentáculo de base para a formação do sujeito. A proposta é direcionada para aprofundar o conhecimento através da compreensão da psicologia da família, investigando como se redefinem os papéis conjugais a partir do nascimento do primeiro filho.

Definiu-se como foco desse estudo identificar e analisar quais as mudanças que ocorrem no relacionamento conjugal com a chegada do primogênito. Especificamente investigar o relacionamento consciente e inconsciente desses casais como homem e mulher, antes e depois da chegada do bebê e conhecer como surgiu o desejo de ter o bebê. Ainda analisar o comportamento adotado pelo casal para enfrentar esse período de transição - o nascimento da criança. Trata-se de um estudo qualitativa-descritiva-exploratória e, como tal, visa, sobretudo, lançar novos questionamentos e problemáticas a responder.

As grandes mudanças no casamento, segundo Araújo (2002), se iniciam com a modernidade. A valorização do amor individual, presente na ideologia burguesa, estabelece o casamento por amor, amor-paixão, com predomínio do erotismo na relação conjugal. Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio. Essa imposição teve muitas conseqüências e contradições. Pode-se citar uma delas que criou uma armadilha para os casais à medida que se acentuou as “idealizações” e os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas.

Todo fascínio e toda a dificuldade de ser casal, reside no fato de encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Na lógica do casamento contemporâneo, um e um são três. (Féres-Carneiro, 1998).

A conjugalidade ressalta a estrutura que se forma a partir das constituições individuais dos parceiros e do interjogo dinâmico inconsciente que ocorre no par conjugal. Contudo, consideramos que o encontro amoroso e a conjugalidade que evolui

desse encontro, através da recordação, da repetição e da elaboração dos Édipos dos parceiros, exerce influências estruturantes ou desestruturantes para cada um deles. A vivência da conjugalidade e o interjogo de identificações mobilizado no enquadre conjugal, produzem efeitos sobre a constituição da subjetividade, num processo dinâmico que se desenvolve por toda a vida (Carneiro & Magalhães, 2000).

Segundo Cicco e cols. (2005), a conjugalidade demanda intenso investimento, tanto de tempo quanto afetivo, por parte dos cônjuges, as características individualistas do casamento nunca foram tão fortes quanto na sociedade atual. O aumento das expectativas e a idealização extremada do outro provocam tensões e conflitos na relação conjugal, onde o parceiro é desejado por inteiro.

Em nível de *relação* uma comunicação pode ser de três tipos: *confirmação*, com aceitação da comunicação emitida pelo outro; *rejeição*, a qual pressupõe, pelo menos, o reconhecimento limitado do que está sendo rejeitado e, assim, não há a negação da realidade do outro; e *desconfirmação*, quando o outro é ignorado, sem haver o interesse pela verdade ou falsidade do que foi comunicado, havendo a negação da realidade do outro (Lopes & Menezes, 2007).

A estratégia pode ser definida pela configuração do que é problema que, por sua vez, é delineado a partir da existência de um padrão de desejabilidade projetado para a relação conjugal. Esse padrão de desejabilidade é histórica e socialmente definido e delimita aquilo a que se deve aspirar e aquilo que não se vai alcançar numa relação afetivo-sexual. A aproximação ou distanciamento desse padrão definiria, então, o que é problema e as possibilidades e limites para sua superação (Garcia & Tassara, 2001).

Assim como um homem e uma mulher se unem por uma infinidade de motivos – conscientes e inconscientes – a busca de um filho se deve às mais diferentes motivações. Um filho representa coisas muito profundas na vida de seus pais. Pode ser: a expressão de amor e da união; a necessidade da transcendência através das gerações; a busca da comprovação da fertilidade; o desejo de se verem realizados naquilo que fracassaram: a tentativa de salvar a relação conjugal (Maldonado, 1989).

O nascimento do primeiro filho marca uma importante transição na vida dos pais. Essa nova pessoa totalmente dependente muda os indivíduos e os relacionamentos. Quer a criança seja filho biológico ou adotado e quer os pais sejam casados ou não. Ter um filho pode ser uma experiência de desenvolvimento. À medida que as crianças se desenvolvem, os pais também o fazem (Papalia & Olds, 2000).

Quando um casal tem um filho, seja de forma deliberada ou casual, uma nova família se constitui. O sistema de relação díade aumenta sua complexidade, para dar conta da transformação das inúmeras interações e mudanças de papéis. Homem e mulher até agora parceiros e filhos, se tornam pai e mãe (Almeida, 2005).

No momento da reprodução, todo sujeito deve ceder seu lugar de filho a seu filho: ele precisa permitir a entrada desse filho na cadeia das gerações passando a ser o elo transitório dessa cadeia e não mais o fim dela. Sua mortalidade se inscreve aí, requerendo uma verdadeira elaboração simbólica de luto pela própria renúncia (Muszkat, 2000).

Papalia e Olds (2000) manifestam que tanto as mulheres quanto os homens, muitas vezes, sentem-se ambivalentes em relação a tornarem-se pais. Juntamente com a excitação, eles podem sentir ansiedade sobre a resposta de cuidar de uma criança e o comprometimento de tempo e energia que isso implica.

Para Magagnin e cols. (2003), muitas vezes os novos papéis em que o casal passa do ser filho(a) para o ser pai ou mãe, fazem imergir antigos conflitos que aconteceram no relacionamento conjugal. A mulher pode ter atuado como filha ou mãe do marido, contudo, ela precisa ajustar-se a essa nova condição de ser mãe do seu bebê e não mãe do seu marido.

O nascimento do filho desperta desejos inconscientes e fantasias relacionadas à resolução de conflitos emocionais, mesmo que o homem se sinta feliz em ser pai, o nascimento, é vivido num clima emocional que varia segundo o tempo e os indivíduos; cada homem reage à sua maneira (Gomes & Resende, 2004).

Para Piccinini e cols. (2004), a trajetória masculina rumo à parentalidade difere da feminina, visto que somente a mulher poderá sentir o filho crescer dentro de si, dar à luz e amamentá-lo. Por esta razão, muitas vezes os pais não conseguem criar um vínculo concreto e sólido com o bebê. A formação do vínculo entre pai e filho costuma dar-se lentamente, consolidando-se gradualmente após o nascimento e no decorrer do desenvolvimento da criança. O fato do pai não contar com a realidade das mudanças corporais e do desenvolvimento do bebê no seu próprio corpo, pode ainda suscitar sentimentos de ciúme, inveja, ansiedade e solidão no homem.

O termo simbiose foi escolhido para descrever o estado indiferenciado de fusão com a mãe, no qual o “eu” ainda não está indiferenciado do “não eu” e em termos em

que “dentro” e “fora” estão gradualmente começando a ser percebidos como diferentes (Mahler, 1982).

Entre os seis e doze meses, o bebê tem necessidade do contato corporal com o pai, pois exerce uma função estruturante no desenvolvimento do ego. No segundo ano a criança já tem internalizada a figura dos pais, a figura paterna ganha importância não só para auxiliar no desenvolvimento social da criança, como também para auxiliar no aprendizado desta fase. É este apoio, investido na figura do pai que permite à criança o desprendimento da estrutura doméstica confortável, até então garantida pela mãe (Gomes & Resende, 2004).

Na atitude dos pais carinhosos com seus filhos observa-se uma revivência e uma reprodução do próprio narcisismo (Freud, 1914). Atribui-se ao filho todas as perfeições. A vida há de ser mais fácil para os filhos do que para seus pais. A criança há de ser, de novo, o centro da criação: "Sua Majestade o Bebê", como um dia estimamos ser.

A imortalidade tão duramente negada a nós pela realidade encontra refúgio nessa nova vida, a vida do bebê. Trata-se de um mecanismo que auxilia na superação das angústias despertadas pelas imposições decorrentes das demandas impostas pelo novo ser (Muszkat, 2000).

No entendimento de Magagnin e cols. (2003) a transição da conjugalidade para a parentalidade é o período do ciclo vital em que o investimento conjugal é dirigido para a relação pais e filhos. Quando esse processo for bem estruturado pode produzir um ajustamento dos comportamentos levando à satisfação conjugal.

Lopes e Menezes (2007) referem que a satisfação com a relação conjugal tende a permanecer estável desde o início do casamento até o fim da gravidez, mas declina significativamente durante a transição para a parentalidade. Porém faz uma ressalva, esse comportamento não é estanque, ele está estreitamente relacionado com a forma com que o casal se relacionava antes da chegada da chegada do bebê.

Segundo Carter e McGoldrick (1995), a transformação para a parentalidade, a família se torna um grupo de três, o que transforma em um sistema permanente. Se essa nova tríade é deixada por um dos cônjuges, esse sistema permanecerá, enquanto que quando ocorre com um casal sem filhos que se separa, não sobreviverá nenhum sistema.

Método

Delineamento

Este estudo é qualitativo de cunho descritivo-exploratório. Triviños (1987) refere que na pesquisa qualitativa, que é descritiva, o pesquisador é o principal instrumento. Existe preocupação com o processo e não com os resultados.

Instrumentos

Foi construído um instrumento contendo questões elaboradas especificamente para esse estudo, sendo subdivididas em duas partes, onde cada um dos cônjuges respondeu individualmente. No questionário foram solicitados dados sócio-demográficos, tais como: sexo, idade, escolaridade, tempo de casado(a), religião, profissão e rendimentos.

Uma entrevista semi-estruturada contendo sete questões norteadoras que permitiram ao entrevistado comentar com mais profundidade: quais as expectativas iniciais com relação ao casamento; - como era o funcionamento do casal antes da chegada do bebê; - como foi recebida pelo casal a notícia da gestação; - como foi o relacionamento do casal durante a gestação; - o que mudou no relacionamento conjugal com a chegada do bebê; - se pudesse mudar algo no parceiro, o que mudaria; - quais os planos do casal com relação a ter mais filhos.

Bardin (1977) propõe a elaboração de categorias e subcategorias para análise do conteúdo. Neste sentido o autor postula as seguintes etapas: a pré-análise, que envolve a leitura flutuante do material e determinação do corpus da investigação; a descrição analítica, que inclui a codificação, classificação e categorização do material realizada com o suporte da teoria de base e hipóteses preliminares de pesquisa o objetivo do estudo; e a interpretação referencial, que abarca o estabelecimento de relações entre os achados e o descobrimento do significado latente da comunicação.

Para Triviños (1987), as entrevistas semi-estruturadas, para alguns tipos de estudos qualitativos é um dos principais meios utilizados pelos pesquisadores para realizar a coleta de dados, porque além de valorizarem a presença do investigador, também possibilitam que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

Amostra

Participaram deste estudo quatro casais escolhidos por conveniência, pertencentes a estratos socioeconômico médio, residentes na Grande Porto Alegre.

Os critérios para inclusão dos casais na amostra foram: a) ter relação conjugal estável de mínimo um ano e no máximo 10 anos até a chegada do primeiro filho; b) que o primogênito estivesse na faixa etária dos seis meses aos três anos e que não fosse portador de nenhuma patologia.

Para a coleta de dados, após todos os procedimentos éticos e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas na residência de cada casal. Essas entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e submetidas à análise de conteúdo.

Resultados

Foram entrevistados quatro casais e registrados os dados sobre a constituição de sua família.

Casal 1: O casal se conhece desde 1996, tiveram namoro, noivaram e moraram juntos, depois se casaram. Ambos possuem curso superior. Estão casados há sete anos. O marido tem 33 e a esposa 30 anos, e a filha 3 anos

Casal 2: O casal se conheceu praticando o mesmo esporte. Ambos possuem curso superior e estão casados há cinco anos. O marido tem 42, a esposa 41 e a filha 2 anos.

Casal 3: O casal vive junto há nove anos; oficializaram a união há três anos. O marido tem 30 e a esposa 32 anos, ambos têm curso superior. O casal possui uma menina com 2 anos 6 meses.

Casal 4: O casal se conheceu na adolescência, a esposa disse que sempre foi apaixonada pelo marido, porém este não correspondia aos seus sentimentos. Ambos tomaram caminhos opostos, se reencontraram há seis anos num grupo de jovens, ocasião em que resolveram assumir o relacionamento. Hoje o marido tem 35 anos e a esposa 33 anos, têm uma filha com 2 anos e 6 meses; ele está em fase de conclusão do nível acadêmico, ela concluiu o nível superior.

As transcrições das entrevistas com os quatro casais foram submetidas à análise de conteúdo formando-se sete categorias: 1. Expectativa de casamento; 2. Funcionamento do casal até o desejo de ter este bebê; 3. Notícia e gravidez; 4. A

transição da conjugalidade; 5. Relacionamento do casal atual, social, familiar, sexual, profissional e sentimentos; 6. Desejos de mudança do casal; 7. Visão de futuro do casal.

1ª Categoria: expectativa de casamento - Esta categoria é formada pelas descrições dos casais entrevistados, sobre suas expectativas em relação ao casamento. O que cada um esperava desta relação, seus desejos, sonhos, realizações, sexualidade e vida social e familiar, funcionalidade do casal

2ª Categoria: funcionamento do casal até o desejo de ter este bebê - Esta categoria apresenta as características dos casais entrevistados sobre resoluções, expectativa da gravidez, o relacionamento do casal neste período, clima emocional, sexualidade, conflitos, frustrações e sua funcionalidade

3ª Categoria: notícia e gravidez - Nesta categoria são apresentadas notícias e sentimentos gerados pelo indivíduo e como casal. Planos, sexualidade, apoio e enfrentamentos da gravidez. Imagem corporal da mulher, medos, insegurança social e afetiva, desajustes.

4ª Categoria: a transição da conjugalidade para a paternidade - Esta categoria é formada pela mudança no relacionamento do casal com a chegada do bebê, a conjugalidade, a sexualidade, o social e o familiar, simbiose mãe e filho e a inserção do pai e o ajustamento conjugal.

5ª Categoria: transição para a conjugalidade - Esta categoria agrupa o relacionamento atual de cada casal, ou seja, como ele se encontra hoje, ao nível social, familiar, sexual, profissional e seus sentimentos, sua conjugalidade. Como esta psicodinâmica da conjugalidade é depois da vinda do filho primogênito, onde o tempo mínimo de vida do filho é de dois anos, significa dizer que eles já estão, no mínimo, há dois anos com o filho.

6ª Categoria: desejo de mudança - Esta categoria descreve os desejos de mudança no parceiro em relação ao casal, e individual, admiração pelo outro e com o outro. Sedução e o interjogo. Sexualidade e sentimentos emocionais do casal.

7ª Categoria: visão do futuro do casal - Esta categoria descreve a expectativa do casal com relação ao futuro como: expectativas conjugais, interpretações e ampliação da família.

Discussão

Nas expectativas iniciais, em relação ao casamento, os quatro casais pesquisados relataram que a decisão de se unirem derivou do desejo compartilhado de construir uma família, ser felizes, conviver em parceria e terem uma vida sócio-econômica estável. Maldonado (1989) e Féres-Carneiro (1998) mencionam que as uniões entre os casais se perpetuam através de sonhos, metas e ideais compartilhados. Normalmente muitos dos aspectos explicitados trazem aspectos inconscientes, que transcendem a individualidade de ambos. Maldonado (1989) manifesta que a relação conjunta que vai sendo construída, a partir da conjugalidade, precisa ser bem cuidada para que permaneça. McGoldrick (1995) e Papalia e Olds (2000) ressaltam que este é um processo normal do ser humano desvincular-se da família de origem e construir a sua família, onde casais inconscientemente estariam repetindo os modelos de famílias introjetados. Tal afirmação confere com que Freud (1914) postulou em seu trabalho “Sobre o narcisismo: uma introdução”, dizendo que as escolhas amorosas estariam ancoradas, na escolha analítica: em que o sujeito busca apoio mútuo do(a) parceiro(a) representando o pai ou mãe da infância, ou se ancorariam na escolha narcisista: onde o sujeito busca a própria imagem numa estreita relação entre o que o sujeito é, foi e o que gostaria de ser.

Por outro lado, não se pode deixar de considerar que dentro do imaginário social a mulher é identificada como um ser dotado de sentimentos enquanto que o homem é identificado como um ser dotado de razão (Féres-Carneiro, 1998).

Outro aspecto importante para se mencionar sobre os pesquisados é o relato sobre o sentido e a visão da construção de casamento. Os quatro casais afirmaram que ao casarem priorizaram primeiramente compactuar e usufruir o máximo de uma relação a dois, deixando para segundo momento a concepção de filhos. Esta nova visão, típica da contemporaneidade nos remete a outra época, não tão longe, mas muito diferente, onde a idealização de procriação era os sonhos imediatos dos recém-casados. Nesse sentido, Araújo (2002) afirma que hoje vivemos sob o signo da pluralidade, o casamento formal continua sendo uma referência importante, mas não se pode descartar que convivemos com outras formas de relacionamento conjugal, pois a tendência da sociedade é tornar-se mais flexível para acolher novas relações amorosas.

Na segunda categoria que trata do funcionamento conjugal até o desejo de ter o bebê, os dados evidenciados nos quatro casais foram uma relação sexual, familiar e social ativa, harmônica e intensa. Sugere que nesta fase da relação os casais estiveram mais envolvidos emocionalmente, tinham uma cumplicidade maior, com dificuldades de

se saber quem é “tu” quem é “ele”. Esses dados corroboram com Lopes e Menezes (2007), McGoldrick (1995), Papalia e Olds (2000) de que em cada etapa do ciclo vital há uma série de demandas que precisam ser satisfeitas

Féres-Carneiro (1998) aponta que na conjugalidade cada casal cria seu modelo único de ser casal, que ele chama de "absoluto do casal", que define a existência conjugal e determina seus limites. A sua definição de casal, contém dois parceiros e seu "modelo único", ser absoluto.

Quanto ao desejo de concepção, evidenciou-se que os casais estudados mesmo planejando a concepção esta não foi imediatamente confirmada. Enquanto a confirmação da concepção não se concretizava, os casais vivenciavam esse momento como um envolvimento emocional carregado de ansiedade, medo e estresse situacional, situação essa que perdurou por meses. Referente a este aspecto Almeida (2005) diz que o desejo de procriação carrega o sentido de dar continuidade à família, é um fator que impulsiona os indivíduos a terem filhos. Entretanto, além da questão evolutiva envolvida, a criança nasce para preencher alguma lacuna na relação conjugal.

Em contrapartida percebeu-se nos quatro casais, que à medida que estes conflitos iam surgindo, também surgiam mecanismos de enfrentamento capazes de resolvê-los. A partir dessa ótica, Garcia e Tassara (2001) afirmam que as resoluções das problemáticas relacionadas à dinâmica familiar dependem do grau de desejabilidade dos casais, projetado para a relação conjugal. Almeida (2005) também comunga de idéia semelhante a essa ao afirmar que o desenvolvimento saudável da personalidade deve estar atrelado a uma estrutura familiar consistente e flexível, o suficiente para ser capaz de atender às necessidades evolutivas e às mudanças de seus membros.

Outro aspecto citado pelos quatro casais refere-se ao fato de, nessa fase do relacionamento permanecerem muito próximos e se ajudaram mutuamente, em todos os sentidos, nas tarefas domésticas e financeiras. Maldonado (1989); Lopes e Menezes (2007) ressaltam que quanto mais unidos estiverem os casais, as tarefas financeiras e domésticas são melhores negociadas. Papalia e Olds (2000) descrevem que o sucesso ou fracasso de uma relação conjugal estaria baseado em nove tarefas psicológicas que os parceiros precisam desempenhar: redefinir a ligação com a família original; construir intimidade sem sacrificar a autonomia; ajustar-se a paternidade e maternidade preservando a privacidade; enfrentar às crises sem enfraquecer o laço conjugal; permitir a expressão segura de conflitos; estabelecer um relacionamento sexual gratificante;

compartilhar alegria e divertimento; oferecer alimentação e apoio emocional e garantir o romance ao mesmo tempo em que enfrentam a realidade.

Os casais ainda informaram que mantinham uma relação social intensa, namoravam, passeavam, relacionavam-se com amigos e parentes saudavelmente. Com relação às brigas e conflitos relataram discussões ocasionais, decorrentes das interações comunicacionais, que normalmente acontecem no convívio diário entre os casais. Os casais mantiveram uma relação prazerosa e saudável permitindo que os conflitos oriundos da relação pudessem ser resolvidos através de um nível comunicacional pautado na negociação e confirmação (Féres-Carneiro, 1998; Maldonado, 1989; Menezes e Lopes, 2007; Papalia e Olds, 2000).

A respeito da funcionalidade do casal a partir da notícia e a gravidez, os quatro casais relataram que se sentiram felizes, plenos, realizados frente à vinda do primeiro filho. Almeida (2005); Garcia e Tassara (2001); McGoldrick (1995); Lopes e Menezes (2007) destacam que a concepção pode ser sentida como um momento de realização das expectativas dos casais, gerando envolvimento e fortalecimento do relacionamento conjugal. Verifica-se que uma das expectativas iniciais da conjugalidade dos casais estudados, a concepção, foi alcançada de modo satisfatório.

Dois entrevistados enfatizaram sobremaneira o aspecto da plenitude e realização ao receberam a notícia da gravidez, referiram que estiveram muito tensos, porque suas esposas não engravidavam, o que os levou a formarem pensamentos sombrios relacionados à presença de alguma patologia. Em relação a esse aspecto Maldonado (1989) refere que sentimentos de temor, angústia, frustração podem ser vivenciados por homens e mulheres. A infertilidade ainda é sentida como um castigo presente em nossa cultura. Gomes e Resende (2004) apontam que é dado ao homem o desafio de ter que provar a sua virilidade, a concepção é um destes desafios.

Almeida (2005) e Muszkat (2000) dizem que na procriação todo sujeito deve ceder seu lugar ao seu filho, permitindo a existência de elo transitório na cadeia familiar e não o fim dela.

As quatro mulheres discorreram positivamente sobre este período, a gravidez, frisando, na maioria das vezes, que se sentiram mais bonitas, enquanto a barriga crescia no decorrer dos nove meses de gestação. Por outro lado, relataram que se sentiram temerosas e inseguras em relação à saúde do futuro bebê em formação. Em decorrência destes sentimentos disseram que passaram a se cuidar melhor, principalmente nos

aspectos da alimentação e o excesso de trabalho. Segundo Magagnin (2003) e Maldonado (1984, 1989), as mulheres neste período apresentam sentimentos de ambivalência em relação ao seu corpo que se modifica, podem se sentir bonitas, por terem sido capazes de abrigar em suas entranhas uma vida, assim como suas mães, ao mesmo tempo feias, porque engordam e seu corpo se deforma. Em contrapartida a autora ainda argumenta que a ambivalência afetiva, é normal, não existe uma gravidez totalmente aceita ou indesejada, pois a ambivalência está na base de todos os relacionamentos significativos.

Maldonado (1984, 1989) diz que o temor de ter um filho mal-formado pode estar relacionado a situações vivenciadas de abortos espontâneos, malformações ou mortes fetais. Também aponta que muitas mulheres, passam a se cuidar de modo especial neste período, porque são acometidas por sentimentos de medo e culpa, da possibilidade de um parto prematuro, por não terem sido capazes de se cuidar devidamente.

Quanto às questões de apoio à esposa grávida, dois maridos, casais (3, 4), relataram que estiveram plenamente engajados, apoiaram e auxiliaram as suas parceiras no que fosse possível: acompanhando-as às consultas pré-natais, ultra-som, suporte emocional, enxoval para o bebê e apoio financeiro. O cônjuge (casal 4) mencionou que comprara material literário sobre o período da gravidez, com o intuito de entender e auxiliar a esposa em suas dificuldades emocionais relatou que queria avançar cada vez mais nesse amadurecimento, a preparação da vinda do bebê. Outros dois maridos, casais (1 e 2), não discorreram especificamente sobre esta questão, apenas mencionaram apoio emocional e financeiro.

O apoio emocional e o suporte emocional à gestante é uma importante função atribuída ao pai. Muitos estudos apontam que o envolvimento paterno após o nascimento do bebê pode ser um indício de que houve um apoio similar à companheira durante a gestação. Para Gomes e Resende (2004); Piccinini e cols. (2000) não quer dizer que pais que não tenham se envolvido na gestação não seriam capazes de fazer o mesmo, com a chegada do bebê.

As quatro mulheres da pesquisa disseram que estiveram mais ansiosas e temerosas durante os períodos iniciais e finais da gestação; nos período intermediário da gestação estiveram mais tranquilas. Os maridos mencionaram que, apesar de sentirem o mesmo cuidavam para se manterem calmos, porque queriam dar todo suporte às esposas, deixando-as mais tranquilas. Estudos mostram que as mulheres sofrem mais com o

impacto da gestação do que os homens, isso ocorre devido a uma série de adaptações que devem ser feitas neste período. Quanto mais apoio emocional o marido der, maior será o nível de satisfação conjugal (Almeida 2005; Gomes & Resende, 2004; Magagnin, 2003; Lopes & Menezes 2007; Muszkat 2000; Piccinini e cols., 2000).

No terceiro trimestre da gravidez a ansiedade tende a elevar-se novamente com a proximidade do parto. Os sentimentos são contraditórios, a vontade de ter o filho e terminar a gravidez e simultaneamente de prolongar a gravidez para adiar as adaptações necessárias para a vinda do bebê.

No que tange ao relacionamento sexual dos casais durante a gestação, ficou evidenciado que as limitações ocorreram nos períodos iniciais e finais da gestação. Nos períodos intermediários, o relacionamento sexual dos casais, manteve-se dentro da normalidade. Os maridos entrevistados enfatizaram que as limitações foram decorrentes das preocupações em não causar dano ao futuro bebê. Os mesmos disseram que embora soubessem que o ato sexual não é prejudicial nestes períodos, tinham medo de que as intensidades da expressão da libido especialmente nos períodos iniciais e finais da gestação pudessem de alguma forma ser prejudicial ao bebê. Inúmeras formas de expressão da sexualidade os casais vivenciam no período de gestação, podem ter a sexualidade exacerbada nos períodos iniciais, pois assim estaria externando a expressão máxima de seu afeto e amor, como também diminuir nos períodos finais, no sentido de garantir e preservar a descendência (Almeida, 2005; Magagnin, 2003; Maldonado, 1989).

Em contrapartida, as mulheres também podem perder o interesse sexual pelo companheiro neste período da gravidez, em decorrência das mudanças ocorridas em seu corpo, elas se sentem sem atrativos físicos e por isso rejeitadas pelos companheiros (Almeida, 2005; Magagnin, 2003; Maldonado, 1989). Os homens pareceram estar mais preparados emocionalmente para lidar com esse novo ciclo conjugal, a gravidez, enquanto que as mulheres pareceram mais vulneráveis emocionalmente (Gomes & Resende, 2004; Lopes & Menezes, 2007; Piccinini, 2004). Embora os pais também se sintam ansiosos neste período, na sociedade atual, eles vêm se mostrando mais presentes ao manifestar seu apoio emocional a sua parceira, estariam assim conquistando constantemente a parceira, como também permitindo a entrada do filho na díade conjugal.

Na transição da conjugalidade para a parentalidade, os quatro casais do estudo relataram que o nascimento do filho acarretou mudanças profundas na relação conjugal, sob todos os ângulos. Almeida (2005) e Magagnin (2003) apontam que a transição para a parentalidade, está diretamente relacionada com o desenvolvimento psicosssexual. Ela será plenamente vivenciada na medida em que o indivíduo passa de uma sexualidade pré-genital para uma sexualidade oblativa, condição necessária para que o indivíduo desenvolva um amor instintivo pelo outro.

Apesar de os casais pesquisados terem diferentes opiniões, verificou-se um declínio geral em relação à satisfação e à relação conjugal, após o nascimento do primogênito. Almeida (2005); Magagnin (2003); Lopes e Menezes (2007) apontam que casais em transição para a parentalidade experimentam diminuição na satisfação conjugal, porém cada casal atravessa a transição para a parentalidade, de forma peculiar e única.

Dois casais (3 e 4) do estudo afirmaram que inicialmente estiveram muito envolvidos no exercício da paternagem, não encontrando tempo disponível e disposição física para exercerem a conjugalidade. As mulheres demonstraram estar mais envolvidas emocional e fisicamente, porém mais vulneráveis emocionalmente do que os homens. Os homens disseram que apoiaram suas parceiras em todos os sentidos: nos cuidados com o bebê, nas divisões das tarefas domésticas e financeiras e apoio emocional, mesmo diante das inúmeras dificuldades de adaptação que se apresentava neste período. Contudo, apesar das dificuldades iniciais, os dois casais afirmaram que no transcorrer do tempo, após a chegada do bebê, conseguiram montar algumas soluções práticas de enfrentamentos das demandas deste período, conseguindo então exercer a conjugalidade, mesmo que não tão intensamente como quanto era antes do bebê ter nascido. Para Lopes e Menezes (2007), a satisfação conjugal tende a diminuir significativamente com a chegada da parentalidade.

Segundo Carter e McGoldrick (1995), a transição para a parentalidade é umas das maiores mudanças que o sistema familiar passa. É nesse momento que os cônjuges, passam da condição de filhos para condição de pais, progenitores de uma nova família em formação. O primogênito vem inaugurar uma nova experiência nunca antes explorada na esfera conjugal, o exercício da parentalidade.

A esposa da díade (casal 3) referiu que nos períodos iniciais, após nascimento do bebê, foi acometida por emoções mais intensas e sofridas, principalmente porque não

encontrava mais tempo para se dedicar ao esposo, o que veio a acarretar em sentimentos de culpa por não conseguir dar evasão na expressão da conjugalidade. Acrescenta que este comportamento decorreu da sobrecarga das novas atribuições, visto que o esposo pouco a ajudava nas atribuições domésticas e cuidados com o bebê. O marido, por sua vez, afirma que quando podia auxiliava sua esposa nos cuidados do bebê, tarefas domésticas e reclamando que a esposa nunca estava disponível sexualmente. O que mais chama a atenção nos discursos dos cônjuges, a esposa num determinado momento da entrevista mencionou que a culpa dos conflitos poderiam ser dela, dizendo que talvez faltasse se organizar, com isso lhe sobraria tempo para dar atenção ao esposo. Almeida (2005) e Lopes e Menezes (2007) dizem que os casais em transição para a parentalidade devem aceitar os novos membros do sistema e se ajustarem aos novos padrões instituídos, para que possam criar um espaço adequado, permitindo a inserção dos filhos e a atuação de papéis de pais. Para que conflitos possam ser evitados é necessário que os pais se aliem e negociem formas de agir diante das inúmeras atribuições domésticas, financeiras, bem como nos cuidados e educação dos filhos.

Na díade (casal 4) os cônjuges afirmaram o mesmo que o casal 3, mas chamou a atenção pelo fato de o marido dizer que se sentia muito só e abandonando e, mesmo sentindo-se assim, não deixou de dar atenção e colaborar com a esposa nos cuidados com o bebê. Mencionou ainda que nunca deixou de cobrar seus atributos de marido e que em decorrência disto, algumas discussões entre o casal ocorreram. No entanto, mesmo que expressando seus sentimentos, a esposa continuava estressada, cansada, depressiva em relação à conjugalidade.

De acordo com Almeida (2005), as mulheres, quando se tornam mães tendem a reclamar de um cansaço crônico, de um confinamento prolongado, de uma vida social menos intensa, das longas horas de vigília a que são submetidas, de uma queda nos padrões interacionais entre o casal. Muitas mulheres demonstram certa insatisfação com a relação conjugal e preocupação excessiva com elas mesmas e com a sua aparência. Por outro lado, os homens queixam-se da pressão sócio-econômica, da falta de interesse sexual. É comum o marido sentir-se rejeitado, sentir ciúmes, pois a atenção outrora dispensada a ele agora é direcionado para o filho.

Nas díades (1 e 2) os casais referiram que no início foi bastante difícil se adaptarem as inúmeras implicações da nova fase, o nascimento do bebê, mas que juntos, a partir de freqüentes interações comunicacionais assertivas, puderam se organizar de

modo a preservar a conjugalidade. Corroboram com o pensamento de Almeida (2005); Lopes e Menezes (2007) que estes casais tinham uma relação com forte envolvimento emocional antes da transição para a parentalidade, visto que conseguiram se organizar de modo funcional, em detrimento da conjugalidade.

Em contrapartida nas outras díades dos casais (3 e 4) o resultado sugere que não foi o nascimento do filho que provocou o distanciamento, mas sim seu distanciamento afetivo anterior. Desta forma, o momento da transição para a parentalidade apenas potencializou um distanciamento já existente entre os casais (Almeida, 2005; Lopes & Menezes 2007).

Quanto ao funcionamento atual dos casais observou-se que todos estão cientes da necessidade de melhorar a qualidade da relação conjugal com o intuito de manter uma relação prazerosa e útil, tanto ao nível social como familiar, profissional e sexual.

De acordo com Lopes e Menezes (2007), estudos recentes vêm demonstrando que casais em transição para a parentalidade acarretam a diminuição no nível de satisfação conjugal. Porém, os casais podem perceber um concomitante aumento do companheirismo e da parceria no momento da transição para a parentalidade.

Observou-se no relato da esposa (3) estar muito revoltada, dizendo que estava assoberbada pelo acúmulo de afazeres que esta fase exigia. Queixou-se que não conseguia ter uma vida social mais intensa e que o esposo pouco a ajudava nos cuidados diários com a casa e a filha, e que o retorno às atividades antigas era uma questão de tempo, que está convicta do breve retorno. Este discurso sugere que há um processo simbiótico ocorrendo entre mãe e filha, porém mostra que a mãe não está dando conta de levar este processo adiante, ao frisar que retornará às antigas atividades brevemente.

De acordo com Gomes e Resende (2004) e Muszkat (2000), a simbiose é um processo normal que acontece entre mãe e filho. Esse processo inicia-se com o nascimento e se estende até os três anos mais ou menos, onde se concretiza a individualização da criança. É importante que o acasalamento primordial entre mãe e filho possa sofrer a interdição pelo incesto, por parte do pai e da mãe. Esse interdito permite que a onipotência, originariamente atribuída exclusivamente à mãe, possa ser compartilhada com o pai.

Mahler (1982) refere que durante a fase simbiótica a necessidade que o bebê tem da mãe é absoluta; a necessidade que esta tem do bebê é relativa. No processo de individuação, inicia-se gradativamente num período compreendido entre os seis meses e

três anos da criança. Portanto é a mãe que determina o grau e o ritmo de proximidade e separação.

Em contrapartida, Magagnin (2003) assinala que existem casais que não conseguem funcionar harmonicamente a três. É neste momento que ocorre a exclusão do terceiro, que pode levar a uma ruptura nos laços afetivos dos casais.

Quanto à expressão da sexualidade, só dois casais, em especial as esposas, discorreram mais especificamente sobre esta questão. Os casais (1 e 2) apenas mencionaram que houve um declínio no relacionamento sexual, por outro lado, aumentou a cumplicidade e engajamento do casal com a chegada do primeiro filho. Lopes e Menezes (2007) referem que embora os casais percebam que seu relacionamento está declinando em termos de romance, podem-se perceber um concomitante aumento de companheirismo e da parceria no período da transição para a parentalidade.

A esposa da díade (3) mencionou que estava meio “standy by”, ou seja, com a sexualidade em repouso, pelas inúmeras atribuições e pouco tempo sobrava para dedicar-se a eles. De acordo com Mahler (1982), este é um processo normal, onde a mãe se volta mais para o bebê, afastando-se dos seus impulsos libidinosos. O marido por sua vez, mencionou que a esposa não lhe dava a atenção devida, mesmo ele ajudando no que fosse possível. Nesta parte do discurso informou que as discussões teriam iniciado no momento do nascimento da filha. Cicco e cols. (2005) apontam que o casamento contemporâneo demanda uma intensa carga de investimento, tanto de tempo, quanto de afeto, por parte dos cônjuges, as características individuais nunca foram tão expressivas no cenário atual da sociedade. O aumento das expectativas e a idealização externa no outro geram conflitos na relação conjugal, onde o parceiro é requisitado por inteiro.

A esposa da díade (4) mostrou-se, durante os relatos, muito depressiva, mencionando que se sentia muito cansada e estressada com tudo, muitas vezes sentia enorme necessidade de cuidar-se um pouco, ir a salões de beleza, sair com amigas, namorar o parceiro, fazer passeios ao shopping. Com relação à sua sexualidade, relatou que se sentia prisioneira da própria sexualidade. Em outro momento, mencionou que não via alternativas para mudanças positivas na relação.

Parece que as dificuldades destes casais (3 e 4), estão gerando uma crise no sistema familiar e conjugal. De acordo com Lopes e Menezes (2007), não é a transição

para a parentalidade que gera esses conflitos e conseqüente queda da satisfação conjugal, seria a qualidade do relacionamento conjugal estipulado entre os cônjuges.

Com relação à assunção dos papéis parentais não se percebe um comportamento comum entre os casais deste estudo. Os dois casais (1 e 2) que preservaram a conjugalidade têm em comum o envolvimento com a construção dos papéis parentais desde o começo, seus discursos foram se ajustando à medida que foram acontecendo as modificações no âmbito familiar. Por outro lado, entre os casais (3 e 4) as dificuldades aconteciam desde a instauração da gravidez. Isso remete mais uma vez ao que Almeida (2005) e Lopes e Menezes (2007) sugerem que não é a chegada do primeiro filho que gera o declínio na relação conjugal e no amor entre os cônjuges. Considera-se que a transição provocada pelo nascimento do primogênito, gera um misto de conseqüências que produzem uma variedade de ajustes e adaptações, apenas algumas geram desavenças.

As mesmas autoras apontam que a parentalidade pode contribuir para o desenvolvimento moral e pessoal, podendo identificar questões negativas de seus casamentos e desenvolver estratégias para melhorá-las, mantendo a satisfação conjugal durante a transição. A partir dessa premissa verificou-se que a relação dos discursos dos casais (1 e 2) contemplou satisfatoriamente esse enfoque, o que não aconteceu com os casais (3 e 4) considerando que em seus discursos apresentam mais relatos negativos do que positivos quanto à relação conjugal.

As expectativas nas mudanças dos cônjuges são pertinentes às questões afetivas e comportamentais do casal, quanto à flexibilidade e o respeito.

Todos os casais citaram em algum momento que desejariam que seus parceiros melhorassem sob alguns aspectos comportamentais, ao mesmo tempo em que mencionaram aspectos negativos e não deixaram de acrescentar aspectos positivos dos parceiros(as). Féres-Carneiro (1998) e Féres e Magalhães (2000) ressaltam que as expectativas sobre o parceiro e auto-expectativas orientadas para a relação conjugal, associam-se à fantasia de que o parceiro irá preencher as necessidades primitivas e as aspirações funcionais.

Com visão similar aos autores acima Costa (2007) refere que a conjugalidade implica na permanente troca de identificações projetivas e introjetivas, de um lado reproduzem o universo das relações infantis e, de outro, abrem um novo campo de relacionamento, que de certa forma implicará numa mudança de identidade. Essa nova

identidade criada a partir do exercício da conjugalidade é responsável pela estabilidade do vínculo conjugal. O matrimônio, segundo Papalia e Olds (2000), pode compensar as frustrações do passado, aprimorar as capacidades e impulsionar para o futuro.

Verificou-se nos relatos das quatro esposas, vieses, um discurso voltado para questões de ordem afetivas, desejando que seus parceiros fossem mais sensíveis na expressão de seus afetos. Por outro lado, os maridos relataram aspectos relacionados a cumplicidades e envolvimento nas questões referente à conjugalidade. Féres-Carneiro (1998) refere que para as mulheres o casamento é sentido como uma relação carregada de amor e de afeto. Para os homens, a conjugalidade é vivida como uma relação de cumplicidade e construção familiar. Dentro desta perspectiva é normal que existam conflitos na díade conjugal, já que nenhuma relação é perfeita. É também compreensível que na atual fase em que os casais se encontram, adaptando-se à parentalidade, os seus discursos tendem a ser mais dramáticos.

A visão de futuro relacionado à relação conjugal, os casais pesquisados argumentaram que não conceberiam mais filhos, mesmo se sentindo realizados e alegres com o nascimento do primogênito. Referiram ainda, que em virtude das inúmeras atribuições cotidianas do mundo moderno, seria impossível exercer com plenitude uma segunda maternagem. Eles desejam prover com o que tem de melhor ao filho em formação sob todos os aspectos: carinho, atenção, conforto financeiro e educação. Com relação às colocações dos entrevistados há muitos autores da atualidade estudando os fenômenos que acontecem nas dinâmicas familiares contemporâneas. Com as inúmeras atribuições do cotidiano, homens e mulheres muitas vezes exercem dupla jornada de trabalho. Dificuldades sócio-econômicas fazem com que os casais adotem estratégias de novas configurações familiares planejando o número de filhos que podem ter (Almeida, 2005; Gomes & Resende, 2004; Maldonado, 1989; Lopes & Menezes, 2007; Muszkat, 2000). Estes autores apontam ainda que atualmente os pais estão mais preocupados em exercer uma parentalidade com qualidade, ao permitirem que seus filhos possam usufruir o melhor que eles podem lhes proporcionar. Estes dados colhidos dos quatro casais denotam projeções e realizações narcísicas, onde os pais se mostram mais preocupados com a qualidade da relação pais e filhos.

Nessa ótica Freud (1914) diz que o narcisismo mostrado nas atitudes carinhosas para com seus filhos, os pais estão revivendo seu próprio narcisismo, esse é um

mecanismo acionado que auxilia na superação da angústia despertada pelas imposições decorrentes das necessidades impostas pelo novo ser, o filho (Almeida, 2005).

É interessante frisar o discurso inflamado do cônjuge (casal 4) que disse estar muito preocupado em evoluir profissionalmente e que voltou a estudar para poder dar conta num futuro próximo, ter um entendimento maior das novas fases evolutivas da filha. Conforme literatura consultada, os homens estão cada vez mais olhando para a parentalidade como uma questão de qualidade, condicionam a procriação a situações materiais favoráveis e ao desenvolvimento de suas carreiras (Muszkat, 2000).

Para Magagnin (2003), esse processo identificatório entre pais e filhos faz parte dos cenários narcísicos da parentalidade dos casais. No entanto, o autor sugere que esses mesmos aspectos regressivos que aparecem em todos os quatro cônjuges podem ser um prenúncio de uma regressão psicológica. Logo, eles devem ser vistos mais como um produto de um conflito do que como efeitos da parentalidade.

Percebeu-se junto aos quatro entrevistados nuances de discursos carregados de emotividade, o que sugere que estão encobrindo a responsabilidade de carregar o duplo desafio, aliar de forma sadia e plena o exercício da conjugalidade à parentalidade

Com base nos dados dos casais estudados, observou-se que cada casal atravessa a transição para a conjugalidade de uma forma idiossincrática e única. Os casais (1 e 2) parecem estar melhor ajustados à parentalidade em comparação aos casais (3 e 4). Esse fato sugere que os últimos parecem vivenciar a transição para a parentalidade com maior dificuldade, o que talvez denuncie uma crise. Mas esses mesmos casais têm condições de superar as dificuldades relacionadas a esse período, pois não mencionaram em nenhum momento da entrevista vontade de se separarem, ao contrário, demonstraram estar dispostos a preservar o relacionamento conjugal.

A transição para a conjugalidade é um momento de intensa complexidade podendo gerar mudanças tanto positivas quanto negativas no envolvimento emocional. É a qualidade da relação conjugal que se mostra determinante na forma da conjugalidade em ser ou não preservada.

Este estudo se reveste de magnitude, ao se perceber o quanto se fazem necessárias pesquisas para aprofundar esse tema

Dessa forma, as conclusões referidas não são passíveis de generalizações. São considerações relevantes com relação à transição para a parentalidade e à conjugalidade, uma vez que emergiram de um estudo qualitativo de cunho exploratório.

Considerações Finais

Os resultados podem ser relevantes para outras áreas da psicologia, além da psicologia do desenvolvimento. Acredita-se que a psicologia clínica pode fazer uso em atendimento a casais, famílias e indivíduos. Os apontamentos são também importantes para a área da prevenção em psicologia. Casais que pretendem ter seu primeiro filho poderiam ser beneficiados pelo auxílio de profissionais especializados e bem informados. Nesse sentido, poderiam ser realizadas avaliações com o mesmo fim para analisar a conjugalidade e propor acompanhamento, no que diz respeito às mudanças previsíveis que a transição provoca minimizando as dificuldades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.G.G. (2005). *Quando dois se tornam três: reflexões acerca da formação de uma nova família a partir do impacto do nascimento do primeiro filho*. Portugal: UA, 2005. Monografia. Mestranda em Ciências da Educação, Universidade de Aveiro,.
- ARAÚJO, M.F. (2002). *Amor, Casamento e Sexualidade. Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, (22)2, 5-13, junho.
- BARDIN, L. (1977) *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Portugal: Edições 70.
- CARTER, B., & MCGOLDRICK, M. (1995). *As mudanças no ciclo da vida familiar: uma nova estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CICCO, M.F. e cols. (2005). *Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. Psicol. Clin.* (17)2, Rio de Janeiro.
- COSTA, G.P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre, Unied.
- FÉRES-CARNEIRO (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.* (11)2, Porto Alegre
- FÉRES-CARNEIRO T., MAGALHÃES, A.S. (2000) *Retorno da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros: uma questão para a clínica psicanalítica do casal*. [serial online] 2000 [cited 2006, jan. 26].
- FREUD, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira (14), 73–102. Rio de Janeiro: Imago.
- GARCIA, M.L.T., TASSARA, E.T.O. (2001). Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal. *Psicol. Reflex. Crit.* 14(3) Porto Alegre.

- GOMES, A.J.S., & RESENDE, V. (2004). O Pai Presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, 20(2), 119-125, maio-ago.
- LOPES, R.C.S., & MENEZES, C.C. (2007). *Relação conjugal na transição para a parentalidade: da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Psico-USF, v. 12, p. 83, 2007.
- MACEDO, R. A. (1993). Pesquisa sobre a família a partir da década de 80. *Cadernos da ANPEPP*, São Paulo, (2), 91-120.
- MAGAGNIN, C. e cols. (2003). *Da Conjugalidade à Parentalidade: Gravidez, Ajustamento e Satisfação Conjugal*. Canoas: Aletheia.
- MAHLER, M. (1982). *O Processo de Separação – Individuação*. (Trad. Helena Mascarenhas de Souza). Porto Alegre: Artes Médicas.
- MALDONADO, M.T. (1984). *Psicologia da Gravidez: Parto e Puerpério*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- MALDONADO, M. T. (1989). *Maternidade e Paternidade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MUSZKAT, M.E. (2000). Quando Três é Melhor que Dois. In: *XII Encontro de Estudos Populacionais da ABEP*, 12, 2000. Caxambu. Anais, ABEP.
- PAPALIA, D., & OLDS S. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PICCININI, C.A (2000). O Envolvimento Paterno Durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- TRIVIÑOS, A.N.S. (1997). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.